

SYBARIS-THURIUM: NOTAS DE HISTÓRIA E ICONOGRAFIA ATRAVÉS DAS MOEDAS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

*Maricí Martins Magalhães**

Abstract

This work presents an outline of the catalogue entitled “Italia et Sicilia. Moedas Itálicas, Italiotas e Siceliotas do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro”, which is being prepared by the author. Such an outline refers to two important cities of the Great Greece (South Italy), “Sybaris” and “Thurium” (Lucania), to their historic events and to the iconographic aspects of their coinage, through the analysis of the samples conserved in the Museum.

Keywords: numismatic; Great Greece coins; Great Greece history.

Resumo

Este trabalho apresenta um recorte do catálogo intitulado “Italia et Sicilia. Moedas Itálicas, Italiotas e Siceliotas do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro”, que está sendo elaborado pela autora. Tal recorte refere-se a duas importantes cidades da Magna Grécia (Itália Meridional), “Sybaris” e “Thurium” (Lucânia), a seus acontecimentos históricos e aos aspectos iconográficos das suas cunhagens, através da análise dos exemplares conservados no Museu.

Palavras-chave: numismática; moedas da Magna Grécia; história da Magna Grécia.

Sobre a extensa e valiosa coleção de moedas provenientes da Magna Grécia, da Sicília e da Grécia, atualmente conservada no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (MHN)¹ já foi feito um aceno em outras sedes².

* Pesquisadora da FAPERJ junto ao Departamento de Numismática do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (marici.magalhaes@uol.com.br).

Entre essas moedas, sobressaem alguns exemplares que lhes apresento, originários das cidades itálicas de *Sybaris* e de *Thurium* na região Lucânia (a chamada “Magna Grécia”, Itália Meridional), e que, obviamente, merecem esta nota, além de uma simples exposição de peças.

Seria aqui uma tarefa difícil expor, em poucas palavras, todos os acontecimentos relativos às histórias de *Sybaris* e de *Thurium* desde as respectivas fundações, e, por isso, remeto às exaustivas bibliografias oferecidas, por exemplo, pela equipe de HNI³; assim, poderei restringir os meus comentários de caráter técnico exclusivamente às peças monetárias dessas cidades pertencentes ao acervo do MHN, num total de vinte e seis unidades. Como não se trata aqui do catálogo propriamente dito (vd. MAGALHÃES 2008-B), apresentarei somente um ou dois exemplares de cada tipologia, ou os mais representativos de seus respectivos períodos. Embora os problemas das variadas emissões sejam principalmente ligados aos das reconstruções históricas de *Sybaris* e de *Thurium*, não é minha intenção discuti-los longamente, mas oferecer um panorama histórico resumido, relativo aos períodos cronológicos envolvidos nesta pesquisa. Para cada cidade, serão apresentadas, inicialmente, as peças de maior valor ponderal.

Sybaris

1 – Os nossos exemplares provenientes de *Sybaris* são em número de quatro, e dois deles pertencem à primeira fase de existência da cidade, a chamada *Sybaris I*, e também no que diz respeito à sua amoedação: não só o *stater* mas também a dracma são datáveis entre as primeiras moedas ali cunhadas, a partir de, aproximadamente, 550 a.C. (KRAAY 1976, p. 163; diverge STAZIO 1993, p. 607, que prefere 530 a.C.), antes da sua destruição por parte de *Croton*, em 510 a.C. Ambas, Fig. 1 (*stater*) e Fig. 2 (*drachma*) apresentam, no A/, o touro retrospectivo e a legenda VM (ΣΥ retrógrada)⁴ e, no R/, o mesmo tipo incuso, característico óbvia e unicamente das primeiras cunhagens itálicas, como fizeram, em seguida, também *Croton* e *Metapontum* (se se aceita que *Sybaris* tenha sido a primeira)⁵. Dado que esta última cidade foi fundada no VIII séc. a.C. (em aprox., 720 a.C.) sobre a extensa planície do Golfo de Tarento, no Mar Jônio, por populações da *Achaia* (norte do Peloponeso)⁶, naturalmente empregaram para as suas primeiras cunhagens o *standard* aqueu, que se baseia, como se sabe, no *stater* de aprox. gr. 8,00, dividido em terços, denominados dracmas⁷,

como se percebe a partir do exemplar apresentado na Fig. 2. Observe-se que a diversidade ponderal do *stater* na Fig. 1 (gr. 6,84, peso um pouco mais baixo) se deve unicamente ao fato de que a moeda apresenta mutilações significativas nas bordas. Em todos os exemplares deste período (550-510 a.C.), a legenda VM, de fato ΣΥ retrógrada, com o emprego do *San* no lugar do *Sigma*, refere-se à abreviatura do étnico Συ[βαρίταν], ou seja “dos Sibaritas”.

Como se sabe, o tipo “touro retrospectivo” (olhando para trás) aparece sobre todos os nominais, cunhados em *Sybaris*, obviamente incusos, em prata de excelente qualidade, em estilo, às vezes, naturalístico, outras vezes, mais estilizado, o que induz a pensar na existência de mais de uma oficina para a cunhagem.

Sobre o tipo do touro sibarita, além do problema “formal” da sua posição retrospectiva, variadas são as explicações para a sua escolha e adesão por parte da autoridade governativa, entre as quais a de fundo econômico, isto é, que o touro fosse uma alusão a uma das principais fontes de prosperidade da cidade, a riqueza pastoral da planície (como a espiga em *Metapontum*); pensou-se, ainda, na personificação de um rio sobre o qual surgia a cidade, fato muito freqüente no mundo itáliota e siceliota (e.g. *Neapolis* e *Gelas*; RUTTER 1997, p. 63-64 e 118), mas o touro sibarita não é antropomorfo como as divindades fluviais; no entanto, esta parece ser a hipótese mais aceita por alguns estudiosos como Rutter (1997, p. 22-23), devido à presença dos rios *Crathis* e *Sybaris*, e dado que *Thurium*, fundada sobre o mesmo sítio de *Sybaris*, incluiu o touro no seu repertório de tipos; além disso, segundo este estudioso, o touro é sempre representado junto ao peixe no exergo, e, às vezes, parece que está “dando coices” nos seixos do leito do rio. Enfim, a última hipótese, que tem naturalmente um fundamento ligado ao ambiente indígena, é a de que esse touro fosse ligado ao nome totêmico do “vitelo”, o qual, como se sabe, estendeu seu nome, desde o Sul a toda a Itália (ή *Ιταλία*) (STAZIO 1983, p. 117). De qualquer modo, a tipologia taurina aparecerá freqüentemente em toda a amoedação magno-grega, e ainda na Campânia.

2 – Conhecidas são ainda as moedas “híbridas”, todas da fase incusa, isto é, relativas às fases de aliança ou de hegemonia de *Sybaris* sobre cidades e povos ou em mais sedes⁸, e bastante controversa é a identificação de algumas cidades emissoras⁹. Mas, de qualquer maneira, isso significa uma série de “fronteiras interiores” responsáveis pelo desenho definitivo da “grande fronteira” sibarita (DOMÍNGUEZ MONEDERO 2001, p. 115, que

cita GUZZO 1999, p. 302). As legendas dessas moedas demonstram obviamente as diversidades de origem desses povos e das autoridades emittentes, mas a semelhança do tipo, ou melhor, o fato de “dividir” o mesmo tipo e sistema ponderal indica uma ligação política entre essas comunidades; entretanto, o que não é ainda claro é a natureza desta ligação, ou seja, se de tipo “confederal”, dependente ou qualquer outro tipo¹⁰. Stazio (1993, p. 608-610) as denomina “amoedações de império”, características dos centros que gravitavam em âmbito político-econômico-territorial de *Sybaris*, isto é um instrumento “de gestão” do vasto território. Além disso, a presença do emblema cívico sibarita significa a orientação, a guia política destes centros, dotados de uma “soberania limitada”. Exemplos poderiam ser retirados das moedas que trazem o tipo do touro sibarita, mas o próprio étnico, como as de *Sirinos* e de *Pyxous*¹¹ e de *Laus*¹², além das cidades não ainda conhecidas, como *Ami-* (população identificada com os *Aminaioi*)¹³ e *So-* (talvez os *Sontini*, povo da Lucânia)¹⁴, este último ainda discutível porque opera o sistema ponderal calcídico ou eubóico. Muito debatida é ainda a moeda de *Laus* acima mencionada, se era relativa a uma primeira fase colonial ou a um assentamento de refugiados de *Sybaris* na sua subcolônia em torno a 500 a.C. (Hdt. VI.21), da mesma maneira que discutíveis são as emissões em comum entre *Sybaris*, *Croton* e *Laus*, sempre por volta de 500 a.C. (*stateres* e trióbolos) e que poderiam referir-se a uma “aliança”¹⁵, mas na qual *Croton* permanece em posição hegemônica. *Sybaris*, mesmo se destruída, não foi cancelada como entidade política autônoma e conservou o direito de bater moeda com o seu nome e o seu tipo, mesmo que em posição subordinada a *Croton* (STAZIO 1993, p. 610). Com amoedações de tipos iconográficos completamente autônomos, mas entre as possíveis “alianças” de *Sybaris*, podemos citar as emissões de *Pal-* (identificada com Cabo Palinuro) e *Mol-* (talvez *Molpa/Melpes*), cujas moedas tinham peso sibarita, mas tipos diferentes e, possivelmente, constituíam um único centro¹⁶.

Também com tipos iconográficos autônomos, de *standard* ponderal aqueu (mas não mais incusa), seguramente conhecida é também a aliança com os *Serdaioi* das moedas *Serd-*¹⁷, testemunhada ainda epigraficamente por um tratado de amizade com *Sybaris*, no qual a cidade de *Poseidonia* foi a “garante” (GUARDUCCI 1987, p. 94), povo que se coloca na Itália Meridional (entre *Bruttium* e *Lucania*), não obstante as controvérsias¹⁸, e não sabemos se esta aliança implicava num domínio efetivo sobre este povo ou num acordo entre iguais. Sempre iconograficamente diferente do tipo

sibarita, de *standard* ponderal jônico ou fócio, muito curiosa é também uma emissão de *Poseidonia*, incusa, que traz a legenda $\Phi\Upsilon?$, identificada por alguns como o nome de *Is* de *Helice* na *Achaia*, o ecista de *Sybaris* ¹⁹, outra questão que permanece aberta. Em suma, o problema aqui não é somente a incerta cronologia dessas emissões, mas também, como discute Stazio ²⁰, se essas fossem amoedações autônomas dos centros sujeitos ao domínio sibarita ou, de qualquer modo, inseridas na sua zona de influência política e econômica, ou se tivessem sido, pelo menos em parte, cunhagens empreendidas depois da queda sibarítica de 510 a.C., como veremos a seguir, e.g., com *Pandosia*.

3 – Também muito debatidas são as moedas que se referem às fases sucessivas à destruição da cidade, ou seja, primeiramente, da chamada *Sybaris II* (510 - aprox. 475 a.C.), período no qual os sibaritas teriam cunhado *stateres* em “aliança” com *Croton*, onde é clara a posição subordinada do tipo sibarita no R/ ²¹, para depois ser de novo destruída em outro conflito com *Croton* por volta de 475/470 a.C. (Diod. XI.48.4). Essa situação de “dependência” parece ainda sublinhada por uma interessante emissão, uma outra moeda de aliança de *Croton* com *Pandosia* (localizada no *Bruttium*), na qual a associação do touro sibarítico no R/ significa que esta última pertencia àquele que tinha sido uma vez o seu território ²². Existem ainda testemunhos de exemplares relativos à chamada *Sybaris III* (453-448 a.C.), período no qual os refugiados da chamada *Sybaris II* teriam estabelecido residência junto aos conterrâneos de *Poseidonia* e, juntas, teriam cunhado moeda ²³, na tentativa de refundá-la (Diod. XI.90.3), mas sabemos que, em *Poseidonia*, houve uma influência e uma conseqüente mudança na amoedação em torno a 470-445 a.C., com a adoção do duplo relevo, do padrão ponderal aqueu, e do touro sibarita ²⁴. Certo é que também *Laus* teria tido um papel nesta tentativa de “refundação” com uma nova aliança, tendo em vista a existência de trióbolos e dióbolos “híbridos” contemporâneos de *Laus-Sybaris* ²⁵, enquanto *Skidrus* (que também recebeu refugiados sibaritas, cf. Hdt. 6.21) nunca cunhou moedas ²⁶. De qualquer maneira, houve entre 510 e 444 a.C. situações políticas que requisitaram o batimento de numerário, e algumas séries podem ter sido desejadas justamente por *Laus* e por *Poseidonia* para assumir o “protetorado” de *Sybaris*, se considerarmos ainda que as cunhagens são uma expressão do Estado (GUZZO 1976, p. 32).

4 – No entanto, encontramos um importante documento numismático na nossa coleção, o dióbolo da Fig. 3, relativo já à fase de influência ateniense ou seja, do período da chamada *Sybaris IV* (446 - ca. 440 a.C.), se bem que fique aqui bem claro que todos estes termos e numerações dadas às fases da cidade (I a IV) sejam utilizadas meramente para a divisão numismática²⁷. Como sabemos (Diod. XII.10), em 446 a.C., *Sybaris* tinha pedido ajuda a Esparta e a Atenas, e foi apoiada por esta última, tendo em vista a política de Péricles, cada vez mais interessada no Ocidente. Sendo assim, depois de consultado o oráculo délfico, os seguidores de Péricles organizaram uma expedição de caráter “pan-helênico”, isto é, composta por populações provenientes de variadas partes da Grécia, provavelmente tributárias de Atenas, ou em posição antiespartana (GUZZO 1976, p. 55). Em 444-3 a.C., fundaram a nova cidade, não exatamente sobre o sítio da antiga *Sybaris*, mas nas vizinhanças de uma fonte chamada *Thuria*, da qual a cidade herdou o nome um pouco mais tarde²⁸. Os velhos habitantes, ou seja, os antigos sibaritas, depois de alguns contrastes com os novos colonos, foram expulsos por volta de 440 a.C., para fundar a chamada *Sybaris V* nas imediações do rio *Traeis* (mais a SE, por isso chamada “Sibaris sobre o Traente”; cf. STAZIO 1983, p. 137, talvez a atual Castiglione di Palude), enquanto os novos colonos que permaneceram ali teriam mudado a denominação da cidade para *Thurium* o *Thurii*. Certo é que, como se verá mais adiante, durante um brevíssimo período, a partir de 446 a.C., a cidade bateu moeda já com o sinete de *Athena*, mas ainda com o nome de *Sybaris*, para somente depois, em torno a 443-440 a.C., substituir o nome da cidade sobre as moedas, como *Thurium/Thurii*. Isso poderia ser o indício da existência de sibaritas entre os habitantes de *Thurium* e, por isso, referente a um período anterior à secessão ao Traente, se esta separação foi completa (GUZZO 1976, p. 30).

Como a nossa moeda apresenta no A/ a efígie da deusa *Athena* com elmo ático decorado com coroa de oliveira, pode-se pensar, sem dúvida, que se trate de uma cunhagem dos novos colonos fundadores de *Thurium*. No entanto, o touro retrospectivo e a legenda ΣΥΒΑ no exergo do R/, não deixam dúvidas de que sejam ainda do período entre a chegada dos novos colonos na chamada *Sybaris IV* (446 a.C.) e a expulsão dos antigos sibaritas, mas antes da fundação “oficial” de *Thurium* (440 a.C.). A partir dos tipos de A/ Cabeça de *Athena* e de R/ Touro retrospectivo e legenda ΣΥΒΑ, entende-se que não poderia tratar-se nem mesmo de uma emissão da chamada *Sybaris V*, a qual já apresenta tipos muito diferentes²⁹. Podemos, en-

tão, afirmar com segurança que estamos diante de um exemplar da primeira série de moedas cunhadas pela chamada *Sybaris IV*, caracterizada pelo touro sempre “retrospiciente” (tipo “repescado” daquele de *Sybaris I*), mas com a legenda em caracteres jônicos no exergo do R/, sinal da paternidade ou da participação ateniense na fundação, como também a *Athena* com elmo ático do A/³⁰. Somente depois, um segundo grupo ou série aparecerá, com o touro representado, desta vez, ‘cornúpeta’, marrando, e a legenda do R/ vai transportada para o campo superior para dar lugar, no exergo, ao peixe³¹.

A iconografia do tipo *Athena* com elmo, inicialmente coroada de oliveira, dita também “a verdadeira *Athena* ateniense” deve ser entendida com uma certa cautela, pois, por um lado, lembra o envolvimento dos atenienses na fundação de *Sybaris IV*, mas, por outro, recordamos o papel relevante do culto local de *Athena Crathis* (que bem poderia ser aquela representada no A/ das moedas), em uma espécie de sincretismo (bastante conveniente, para dizer a verdade) com a “*Athena* ateniense”, o que demonstra o caráter ou o objetivo propagandístico da escolha tipológica para as moedas de ambas as cidades (*Athenai* e *Thurium*). Esse culto, cujo santuário era localizado na moderna *Francavilla Marittima (Timpone della Motta)*, tinha a mesma importância que o culto do rio *Sybaris*, representado pelo touro, que aparece justamente no R/ das moedas³². Além disso, esse santuário que, pelo menos no início, servia como lugar de culto “de fronteira” e depois foi incorporado à *chora*, proclamará a proteção da divindade e, conseqüentemente, a soberania da cidade sobre toda a planície circundante, e por um longo tempo³³.

De qualquer modo, esse dióbolo da Fig. 3 e a dracma na Fig. 2, da qual já falamos, demonstram, ainda uma vez, que a abundante cunhagem de frações em *Sybaris* (como também em *Metapontum*) é sinal de um campo de utilização articulado, devido à multiplicidade de funções das frações, fenômeno este em perfeita coincidência com a complexa estrutura econômica da cidade.

Thurium

5 - Provenientes de *Thurium* propriamente dita, possuímos 17 moedas de prata e cinco de bronze, todas compreendidas no período que vai desde o assentamento da colônia “pan-helênica” (aprox. 444-3 a.C.) até o período de redução do *standard* ponderal, depois de 281 a.C., ou seja, depois da chegada da guarnição romana à região. As pressões dos povos vizi-

nhos – principalmente dos Lucanos, iniciada logo depois da fundação da cidade e que durou até 389 a.C., e depois a dos *Brettii*, entre 356 e 344 a.C. – não parecem ter influenciado a amoedação turina, que permaneceu praticamente a mesma até o estabelecimento dos romanos; no entanto, não chegaram à nossa coleção moedas da colônia latina de *Copiae*, refundada nas imediações do sítio de *Thurium*, em 193 a.C.³⁴ Assim, os mesmo tipos relativos à última seriação de *Sybaris IV*, dos quais já falamos antes (A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático; R/ Touro cornúpeta e peixe), mas com o novo étnico, $\Theta\upsilon\rho\acute{\iota}\omega\nu$ (“de *Thuri*”), às vezes, abreviado, será aquele característico das emissões de *Thurium*, sublinhando, por um lado, a continuidade com a tradição anterior (adotando também o sistema aqueu do *stater* de gr. 8), mas, por outro, colocando em evidência a persistente presença ateniense (se bem que esta não deva ser “supervalorizada”), que levou à cidade *ex novo* uma nova ordenação urbanística e um relevante desenvolvimento cultural³⁵.

6 – Observe-se que, no novo tipo “touro” do R/, aparece uma ligeira variação: além do “touro cornúpeta”, é representada uma variante “touro caminhando” (sempre com a cabeça baixa)³⁶. A partir da análise dos nossos poucos exemplares, podemos notar que o primeiro tipo aparece desde a fundação da cidade (combinado à decoração de coroa de oliveira do elmo de A/) até, pelo menos, 280 a.C. (depois combinado com *Scylla*, que aparece como ornamentação do elmo cronologicamente mais tardio)³⁷.

Já o tipo “touro caminhando com cabeça baixa”, aqui menos freqüente, aparece sempre combinado com a decoração “coroa de oliveira” do elmo de A/, o que poderia confirmar que seja anterior a 400 a.C. (como se vê, por exemplo, na SNG Copenhagen, e então entre 443-440 a.C., segundo HNI), mas o nosso mostuário é muito pequeno para qualquer conclusão decisiva, o que poderia parecer mera especulação³⁸.

7 – O exemplar turino mais controvertido que agora lhes apresento é um belo *distater* (Fig. 4), ao que parece, considerado um falso pelo Prof. T. Hackens, mas que, depois do exame autóptico, se apresenta dentro das regras de “normalidade” em todos os sentidos, e tem confrontos precisos, principalmente dentro do chamado “Grupo $\Sigma\Omega / \Sigma\Omega\Gamma$ ”, registrado pela equipe de HNI, cunhado entre a metade e o final do IV séc. a.C., quando *distateres* e *stateres* apresentam as iniciais dos nomes dos magistrados, além do chefe da oficina responsável pela emissão, e, às vezes, também combinado com as iniciais de artesãos subordinados, questões ainda bastante discutidas pela Epigrafia Monetária³⁹. A presença deste *distater* não causa admiração, pois

como sabemos, além do nominal de base de toda a área (o *stater*), os turinos cunharam, excepcionalmente para o ambiente italiota, e, praticamente, desde a fundação da cidade⁴⁰, numerosas e abundantes séries de peso duplo, chamados justamente “*di-stateres*”, e equivalentes ao nominal típico da amoedação ateniense, o tetradracma⁴¹, o que pode ser também um outro elemento de ligação com Atenas, com as circunstâncias relativas à expedição ateniense à Sicília, em 413 a.C., e à participação de *Thurium* nesses acontecimentos, com o envio de mil soldados.

8 – Segue-se um primeiro grupo de dois *stateres* (Fig. 5) com as mesmas características, isto é, no A/, a *Athena* com elmo ático decorado com coroa de oliveira, mas sem letras distintivas⁴², o primeiro tipo de decoração empregada sobre elmos e iniciado justamente em *Thurium*, e que, depois, se estendeu a outras cidades da Magna Grécia, como *Heraklea* e *Hyele*, por um lado, até a Campânia, como se vê nas moedas com *Athena* elmada de *Cumae*, *Neapolis* e *Hyria*, fato que leva a pressupor também uma maestria de incisores magno-gregos itinerantes, ou emissões sob encomenda a oficinas/*ateliers* italiotas especializados e de altíssimo nível⁴³. Esses dois *stateres* contemporâneos pertencem ao período entre a implantação da colônia “pan-helênica” de *Thurium* (444-3 a.C.) e a expulsão dos antigos sibaritas (440); doravante, os tipos com a cabeça de *Athena* no A/ e o touro cornúpeto (ou caminhando) com peixe no exergo do R/ serão os sinais distintivos, os sinetes da nova cidade, mas sempre extraídos ou herdados de *Sybaris IV*, como já dito antes. Esta cabeça de *Athena*, sem dúvida, reflete a participação inicial da cidade de Atenas na nova colônia, mas acontece que esse tipo sobreviveu muito longamente, mesmo quando as relações com esta última cidade tinham mudado, por isso, julga-se mais conveniente ligá-la ao culto da *Athena Crathis* sibarita, ou, pelo menos, não supor a sua influência como única. Outros tipos monetários que trazem a efígie da deusa *Athena* parecem, principalmente, conexos a cultos locais, como e.g. o de *Hyele-Elea-Velia*⁴⁴.

O segundo grupo de *stateres* (Fig. 6) traz *Athena* com elmo no A/, desta vez decorada com *Scylla*, armada de tridente, sem apresentar letras ou símbolos, e, por isso, seria datado da Fase II do período entre 400 e 350 a.C., ou seja, colocado no núcleo de moedas não assinaladas por letras nem iniciais (*Die-letters*), tendo em vista que estas últimas caracterizam somente a Fase I do mesmo período (400-350) e do período anterior (entre 410-400 a.C.)⁴⁵.

9 – O nosso mostuário de dióbolos é dividido em dois grupos. O primeiro é aquele no qual o elmo da deusa *Athena* é decorado com coroa de oliveira (Fig. 7; único exemplar que apresenta uma letra, Γ), que poderia ser colocado, segundo a SNG Copenhagen, nos anos que precedem 400 a.C., não obstante o HNI (p. 148) recorde que alguns trihemióbolos e dióbolos do grupo tenham sido cunhados, ou, pelo menos, em parte, também depois de 400 a.C. Assim, a questão permanece aberta, se bem que a combinação “coroa de oliveira/touro caminhando” me pareça claramente bem mais antiga (443-400 a.C.).

Por outro lado, o segundo núcleo de dióbolos por nós registrado, seguramente posterior a 400 d.C. (se não datável de 350 a.C.) é formado por cinco diábolos (Fig. 8), e todos apresentam como principal característica a modificação da decoração do elmo de *Athena* no A/, constituído, desta vez, por uma *Scylla* que carrega um remo ou um tridente, que arremessa uma pedra, ou, ainda, que arremessa o tridente. Nesse grupo, podemos observar já a presença de algumas letras como K, Ω e Σ, e algumas possíveis variações de um ou dois peixes no exergo. Digna de evidência é uma moedinha, o único exemplar em prata datável de 350-280 ou 281-268 a.C., a qual apresenta, já no R/, o touro cornúpeto coroado por uma *Nike* em vôo, e o étnico, não mais no campo acima, mas no exergo, típico de uma certa tardividade da peça.

10 – Os bronzes de *Thurium* são cinco, divididos em duas tipologias distintas. Como se sabe, a cidade foi a primeira a cunhar nesse metal, juntamente com *Rhegion*, só depois seguida por *Poseidonia*, *Velia*, *Metapontum*, *Croton* e *Caulonia*⁴⁶. Os primeiros tipos cunhados em bronze são os mesmos das emissões em prata, no A/, a cabeça de *Athena* com elmo ático, no R/, o touro, e o desenvolvimento artístico parece paralelo ao da prata. Apesar de as primeiras emissões nesse metal terem já a legenda dos turinos (ΘΟΥ), o R/ mostra o touro ainda “retrospiciente”⁴⁷, mais vizinho ao das emissões de *Sybaris IV* (da qual já falamos). Por isso, podemos afirmar, com certa segurança, que a amoedação brônzea turina, iniciada em torno de 440 a.C., pode ser colocada entre as primeiras da Itália Meridional⁴⁸. De qualquer maneira, parece que também no bronze, a cabeça de *Athena* do A/, no início, é decorada pela coroa de oliveira, depois por *Scylla* ou por outros motivos; no R/, o touro primeiro “caminha”, depois é “cornúpeto”, sempre com a cabeça abaixada (RUTTER 1997, p. 66), como provam também os nossos exemplares: combinado com coroa de oliveira (440-400 a.C.), combi-

nado com *hippocampus* (Fig. 9, início do IV séc.a.C.), combinado com *Scylla* (ou *hippocampus*; terceiro quartel do IV séc. a.C.). Na realidade, entre essas moedas, somente as variações no diâmetro e no peso conduzem a estas pequenas diferenças na datação.

O segundo núcleo de bronzes turinos apresenta a iconografia dos tipos bem mais variada do que o anterior, e uma crescente redução ponderal: no A/, encontramos, desta vez, o deus *Apollon*, laureado ou com os cabelos curtos (Fig. 10), combinados aos tipos de R/, que são, respectivamente, uma trípole e um cavalo empinado; conseqüentemente, podemos afirmar que essas moedas foram emitidas em torno de 280 a.C., ou um pouco mais tarde ⁴⁹.

Bibliografia

CANTILENA, R., La monetazione di Elea e le vicende storiche della città: limiti e contributi della documentazione numismatica. **Velia. Atti del quarantecinquesimo convegno di studi sulla Magna Grecia (Taranto-Marina di Ascea, 21-25 settembre 2005)**. Taranto, 2006, p. 423-458.

DOMÍNGUEZ MONEDERO, A. J. Fronteras e intercambio cultural en el mundo griego colonial. In: BARJA DE QUIROGA, P. L.-REBOREDA MORILLO, S. (a cargo di). **Fronteras e identidad en el mundo griego antiguo**. III Reunión de Historiadores (Santiago de Compostella-Trasalba, 25-27 de septiembre de 2000), Santiago: Imprenta Universitária, 2001, p. 107-126.

GRECO, E. **Magna Grecia**. Guide archeologiche Laterza. Bari: Laterza, 1981.

GUARDUCCI, M. **L'Epigrafia greca dalle origini al tardo impero**. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, 1987.

GUZZO, P.G. Tra Sibari e Thurii. **Klearchos. Bollettino dell'Associazione Amici del Museo Nazionale di Reggio Calabria**, a. XVIII, n. 69-72, gennaio-dicembre 1976, p. 27-64.

GUZZO, P.G. Catalogo delle monete di Sibari, Thurii e Copia. **Notizie dal Chiostro del Monastero Maggiore – Rassegna di Studi del Civico Museo Archeologico e del Civico Gabinetto Numismatico di Milano**, fasc. XIX-XX, 1977, p. 43-54 e Tavv. XXXII-XXXV.

GUZZO, P.G. **Le città scomparse della Magna Grecia. Dagli insediamenti protostorici alla conquista romana**. Roma: Newton Compton editori, 1982.

GUZZO, P.G. Sibari. Materiali per un bilancio archeologico. **Sibari e la Sibaritide. Atti del XXXII Convegno di Studi sulla Magna Grecia**, Taranto 1993, p. 51-82.

GUZZO, P.G. Frontiere in Calabria. **Confini e Frontiera nella Grecità d'Occidente. Atti del XXXVII Convegno di Studi sulla Magna Grecia**, Taranto 1999, p. 293-305.

HNI = RUTTER, N.K. (Principal Editor)-BURNETT, A.M.-CRAWFORD, M.H.-JOHNSTON, A.E.M.-JESSOP PRICE, M. **Historia Numorum. Italy**. London: The British Museum Press, 2001.

JAMESON, R. **R. Jameson's Collection. Monnaies Grecques Antiques**, I-II. Paris: Feuardent Frères, 1913.

KRAAY, C. M. **Archaic and Classical Greek Coins**. London: Methuen & Co., 1976.

LIBERO MANGIERI, G. **Velia e la sua monetazione**. Lugano: Edizioni Arte e Moneta, 1986.

MAGALHÃES, M.M. Le monete della Campania nella collezione del Museo Storico Nazionale di Rio de Janeiro. **Oebalus. Studi sulla Campania nell'Antichità** n. 2, Roma, p. 7-47, 2007-A.

MAGALHÃES, M.M. Arte itálica em moedas Campanas do Museu Histórico Nacional: *Allifae e Phistelia*. **Phoînix. Revista do Laboratório de História Antiga**, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) n. 13, Rio de Janeiro, p. 227-237, 2007-B.

MAGALHÃES, M.M. Moedas de *Neapolis* no Museu Histórico Nacional: iconografia e epigrafia monetária. **Boletim da Sociedade Numismática Brasileira** n. 60, São Paulo, p. 5-28, 2007-C.

MAGALHÃES, M.M. Le monete di *Hyele-Elea-Velia* nella collezione del Museo Storico Nazionale di Rio de Janeiro. **Polis. Studi interdisciplinari sul mondo antico**, Università degli Studi Mediterranea di Reggio Calabria, Roma 2008-A, em curso de impressão.

MAGALHÃES, M. M. Le monete di *Sybaris* e di *Thurium* nella collezione del Museo Storico Nazionale di Rio de Janeiro. **Klearchos. Bollettino dell'Associazione Amici del Museo di Reggio Calabria**, Reggio 2008-B, em curso de impressão.

RUTTER, N.K. **Greek Coinages of Southern Italy and Sicily**. London: Spink, 1997.

SNG ANS = **Sylloge Nummorum Graecorum**. *The Collection of the American Numismatic Society. Part 2: Lucania*, New York, 1972.

SNG Ashmolean = **Sylloge Nummorum Graecorum**. *Ashmolean Museum, Oxford. Vol. V, Part I (A). Italy: Etruria – Lucania (Thurium)*, London, 1962.

SNG Copenhagen = **Sylloge Nummorum Graecorum**. *The Royal Collection of Coins and Medals. Danish National Museum. Volume One: Italy – Sicily*, New Jersey 1981.

SNG Delepierre = **Sylloge Nummorum Graecorum**. *France. Bibliothèque Nationale. Cabinet des Médailles, Collection Jean et Marie Delepierre*. Paris, 1983.

SNG Evelpidis = **Sylloge Nummorum Graecorum**. *Grèce. Collection Réna H. Evelpidis, Athènes. Première partie: Italie – Sicile – Thrace*, Louvain, 1970.

SNG Fitzwilliam = **Sylloge Nummorum Graecorum**. *Fitzwilliam Museum: Leake and General Collections. Volume IV, Part I: Spain (Emporiae, Rhoda) – Italy*, London, 1972.

SNG Italia-Agrigento = **Sylloge Nummorum Graecorum**. *Italia. Agrigento. Museo Archeologico Regionale. Fondo dell'ex Museo Civico e altre raccolte del Medagliere*, Pisa-Roma, 1999.

SNG Milano = **Sylloge Nummorum Graecorum**. *Italia: Milano. Civiche Raccolte Numismatiche. Volume IV – 1. Lucania*, Milano 1997.

SNG München = **Sylloge Nummorum Graecorum**. *Deutschland, Staatliche Münzsammlung München, 3 Heft, Kalabrien – Lukanien*, Berlin, 1973.

SPAGNOLI, E. La documentazione. **Sibari e la Sibaritide. Atti del XXXII Convegno di Studi sulla Magna Grecia**, Taranto 1993, p. 612-631.

STAZIO, A. Moneta e scambi in Magna Grecia. In: PUGLIESE CARATELLI, G. (dir.) **Megale Hellas. Storia e civiltà della Magna Grecia**. Milano: Libri Scheiwiller, 1983, p. 104-169.

STAZIO, A. La monetazione. **Sibari e la Sibaritide. Atti del XXXII Convegno di Studi sulla Magna Grecia**, Taranto, 1993, p. 597-612.

VIEIRA, R. M. L., Uma grande coleção de moedas no Museu Histórico Nacional? **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 27, Rio de Janeiro 1995, p. 91-111.

Figuras



Fig. 1, A-R

Sybaris – AR / *stater*; mm. min. 24; max. 29,2; gr. 6,84 (Inv. n. 1924.1176.2)

A/ ΣΥ retrógrada, no exergo; touro retrospectivo à esq.

R/ O mesmo tipo incuso.

Datação: 550-510 a.C. (*Sybaris I*)

Cf.: Jameson 1913, 345; Guzzo 1997, 3; SNG ANS 828-844; SNG Ashmolean 842, 844-846; SNG Copenhagen 1388; SNG Delepierre 360; SNG Fitzwilliam 569-572; SNG Milano 326; SNG München 1154; HNI 2001, 1729.

Fig. 2, A-R

Sybaris – AR / *drachma*; mm. min. 18,6; max. 19,2; gr. 2,30 (Inv. n. 1924.1176.3)

A/ [ΣΥ] retrógrada, no exergo, muito apagada; touro retrospectivo à esq.

R/ O mesmo tipo incuso.

Datação: 550-510 a.C. (*Sybaris I*)

Cf.: Guzzo 1977, 5-6 (preferivelmente a 5); SNG ANS 847-852; SNG Ashmolean 847-848; SNG Copenhagen 1392-1393; SNG Delepierre 363; SNG Evelpidis 283 (mas hemidracma); SNG Fitzwilliam 575-577; SNG Milano 327 o 329; SNG München 1159-1162; HNI 2001, 1736.

Fig. 3, A-R

Sybaris – AR / dióbolo; mm. min. 11,4; max. 13,3; gr. 1,11 (Inv. n. 1924.1176.4)

A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático decorado com coroa de oliveira, à dir.

R/ ΣΥΒΑ, no exergo; touro retrospectivo à dir.

Datação: 446-440 a.C. (*Sybaris IV*)

Cf.: Jameson 1913, 349; Guzzo 1997, 13-15; SNG ANS 862-868 (*triobols*); SNG Ashmolean 859-860; SNG Copenhagen 1403-1404; SNG Delepierre 366-367; SNG Fitzwilliam 585-587; SNG Italia-Agrigento 19-20; SNG Milano 333, 335-336; SNG München 1166-1167 (*Triobole*); HNI 2001, 1751 (pelo tipo, mas trióbolo).



Fig. 4, A-R

Thurium – AR / *distater*; mm. min. 22,9; max. 24,6; gr. 15,32 (Inv. n. 1924.1177.4)

A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático decorado com *Scylla* segurando um tridente, à dir.; sobre o cobre-nuca, monograma EYΦ; atrás da nuca, uma coruja à dir., que olha para a frente.

R/ ΘΟΥΡΙΩΝ, acima; touro cornúpeto à dir.; entre as patas posteriores, monograma AP; acima do touro, ΣΩΓ.

Datação: aprox. 350 - aprox. 300 a.C.

Cf.: Jameson 1913, 366; Guzzo 1997, 46 (var., D/ com ΔI e R/ com Σ?); SNG Ashmolean 925-926 (var. com EY e Z no R/); SNG Copenhagen 1429 (var. com I no R/ e sem EYΦ); SNG Milano 368 (mesma var. com ΔI); SNG München 1182-1183 (A/ idêntico, com ΔI); HNI 2001, 1819 (exemplar idêntico, Grupo ΣΩ / ΣΩΓ).



Fig. 5, A-R

Thurium – AR / *stater*; mm. min. 20,6; max. 22,3; gr. 7,59 (Inv. n. 1924.1177.2)

A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático decorado com coroa de oliveira, à dir.

R/ ΘΟΥΡΙ[Q]N, acima; touro caminhando à esq.; no exergo, peixe à esq.

Datação: 443-400 a.C.

Cf.: Jameson 1913, 351 (var.); Guzzo 1997, 19; SNG ANS 875-877 (var. com A no A/); SNG Ashmolean 914; SNG Copenhagen 1411-1413; SNG Delepierre 368 o 375 (pela forma do peixe); SNG Milano 347; HNI 2001, 1773.



Fig. 6, A-R

Thurium – AR / *stater*; mm. min. 20,8; max. 22,9; gr. 7,84 (Inv. n. 1924.1177.5)

A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático decorado com *Scylla* segurando um tridente, à dir.

R/ ΘΟΥΡΙΩΝ; touro cornúpeto à dir., sobre base perolada; no exergo, peixe à dir.

Datação: 400-350 a.C.

Cf.: Jameson 1913, 361 (var.); Guzzo 1977, 50 (pelo exergo perolado, var. com Z no R/); SNG ANS 992; SNG Ashmolean

961; SNG Copenhagen 1428; SNG Delepierre 389; SNG Milano 380; SNG München 1192; HNI 2001, 1799-1802 (pela *Scylla*, sem letras ou símbolos).



Fig. 7, A-R

Thurium – AR / dióbolo; mm. min. 11,2; max. 11,5; gr. 1,14 (Inv. n. 1924.1177.8)

A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático decorado com coroa de oliveira, à dir.

R/ ΘΟΥΠΙ, acima; touro caminhando, à esq.; entre as patas, letra Γ; no exergo, peixe, à dir.

Datação: 443-400 a.C.

Cf.: Guzzo 1977, 35; SNG ANS 1113 (var. com Γ em ambos os lados, *triobol*); SNG Ashmolean 1011-1013 (*triobols*); SNG Copenhagen 1473-1474; SNG Delepierre 377-378 (variante com Γ nel R/, *trioboles*); SNG Milano 356; SNG München 1178; HNI 2001, 1759 (*triobolo*).



Fig. 8, A-R

Thurium – AR / dióbolo; mm. min. 12; max. 12,9; gr. 1,00 (Inv. n. 1924.1177.15)

A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático decorado com *Scylla* segurando um tridente, à dir.

R/ ΘΟΥΠΙΩΝ, acima; touro cornúpeta, à dir.; no exergo, peixe à dir.

Datação: 400-350 a.C.

Cf.: Guzzo 1977, 68-72 (var. com ΕΥΦΑ no R/); SNG ANS 1139-1148 (*triobols*); SNG Ashmolean 1025 (*triobol*); SNG Copenhagen 1479 (pelo tridente, combinado a um só peixe); SNG Fitzwilliam 631; SNG Italia-Agrigento 21; SNG Milano 379 o 386-389; SNG München 1205 (var. com ΔΑ); HNI 2001, 1806 (*triobol*).



Fig. 9, A-R

Thurium - AE; mm. min. 17,2; max. 19; gr. 6,37 (Inv. n. 1924.1178.2)

A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático decorado com *hippocampus* (?) à dir.

R/ [Θ]ΟΥΠΙ[ΩΝ], acima, muito apagada; touro cornúpeta, à dir.; no exergo, peixe à dir.



Datação: início do IV séc. a.C.

Cf.: SNG ANS 1192 (mas elmo com *Scylla*); SNG Copenhagen 1500-1501; SNG Milano 399 (pelo peso, mas o ornamento do elmo não é distinto); SNG München 1219-1221; HNI 2001, 1913 (pelo *hippocampus*, pelo peso e medidas).



Fig. 10, A-R

Thurium - AE; mm. min. 13,1; max. 13,4; gr. 1,74 (Inv. n. 1924.1178.5)

A/ Cabeça de *Apollon* à dir., com os cabelos curtos.

R/ ΘΟΥ, acima; cavalo empinado, à dir.; entre as patas, monograma AP.



Datação: aprox. 280 a.C. ou um pouco mais tarde

Cf.: Guzzo 1977, 83; SNG ANS 1201; SNG Copenhagen 1517; SNG Milano 409; SNG München 1236; HNI 2001, 1928.

Notas

¹ Os meus agradecimentos à Direção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro: à Prof^a Vera Lúcia Bottrel Tostes, Diretora; à Dr^a Ângela Cardoso Guedes, Assessora de Comunicação; à Sr^a Ruth Beatriz Caldeira, Coordenadora Técnica; à Sr^a Eliane Rose Vaz Cabral Nery, Chefe do Departamento de Numismática, e à Ms. Rejane Maria Lobo Vieira, Pesquisadora do mesmo Departamento; ao Prof. Luiz Aranha Correa do Lago, Curador da *Exposição Permanente de Moedas* do Museu, o qual gentilmente me permitiu consultar a *Sylloge Nummorum Graecorum Copenhagen* da sua biblioteca particular. Também sou imensamente grata ao Prof. Pietro Giovanni Guzzo, Superintendente Arqueólogo de Pompéia, já Superintendente da Calábria, o qual me facilitou a bibliografia específica sobre a amoedação sibarita e turina da sua biblioteca particular. Sou, enfim, devedora à Dr^a Teresa Giove, Chefe do Medalheiro do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, e à Dr^a Matilde Romito, Diretora dos Museus Provinciais do Salernitano, as quais, com grande simpatia, me acolheram nas suas respectivas bibliotecas e me consentiram a consultação das outras *Syllogai* aqui mencionadas. As fotografias foram executadas por Laetitia Le Corre e Cleber José das Neves Reis.

² Vd. e.g. VIEIRA 1995, p. 91-111; MAGALHÃES 2007-A, MAGALHÃES 2007-B, MAGALHÃES 2007-C e MAGALHÃES 2008-A. Encontra-se em curso de pre-

paração o I volume do catálogo elaborado pela última, intitulado *Italia et Sicilia, Moedas Itálicas, Italiotas e Siceliotas do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro*, onde um capítulo é dedicado à história da coleção.

³ HNI 2001, p. 144, 146 e 156; também GUZZO 1993, p. 51-82, oferece uma vasta bibliografia sobre a história e a arqueologia de *Sybaris, Thurium e Copiae*.

⁴ Correspondente ao I grupo, classe B de STAZIO (1993, p. 599 e 603), cuja forma retrógrada consiste em 90% dos exemplares; sobre o assunto, vd. também SPAGNOLI 1993, p. 618.

⁵ STAZIO 1983, p. 112, pensa que a adoção da moeda incusa tenha sido contemporânea em todas as três cidades, mas na p. 117 aceita que *Sybaris* pudesse ter sido a primeira (... *se non la prima...*). RUTTER (1997, p. 21) supõe que a moeda incusa, esta singularidade, única no mundo grego, tenha sido originária em *Sybaris* (...*the originator of coinage might have been Sybaris...*) devido à sua riqueza, mas até hoje não existem provas técnicas para esta sugestão.

⁶ De fato, a cidade tornou-se célebre pela sua grandeza e potência e pelo luxo refinado (*triphe*), que poderia datar-se desde o seu florescimento; administrada por um regime oligárquico, a sua riqueza e prosperidade foram até proverbiais, devido à produtividade excepcional do solo fertilíssimo (entre os rios *Crathis* e *Sybaris*), próprio, sobretudo, para o cultivo de cereais, vinhas e uma variedade de culturas, combinadas a zonas de pastos nas áreas internas; além disso, verifica-se ainda uma florescente atividade artesanal, produtiva e comercial, a exploração das minas na zona da Sila e a utilização de mão de obra indígena (STAZIO 1983, p. 112-117 e RUTTER 1997, p. 5-6). Além disso, a multiplicidade das possíveis estradas de terra serviam para drenar, na direção de *Sybaris*, que se encontra na origem de um leque de percursos, todas as produções do território – mineiras, agricultura, escravos (GUZZO 1976, p. 54).

⁷ A fração mais comum destas primeiras emissões incusas é a chamada pelos estudiosos “terço” ou dracma. No entanto, *Sybaris* cunhou também tetróbolos, trióbolos, óbolos, ou seja, o mais elaborado sistema de nominais da Itália Meridional no VI séc. a.C. (sobre o *standard* aqueu, vd., por exemplo, STAZIO 1983, p. 113 e 117 e RUTTER 1997, p. 17).

⁸ Strab. VII.13: a cidade teria estendido o seu domínio sobre 25 πόλεις e 4 ἔθνη, a sua população chegava a 300.000 habitantes, entre os quais mais de 5.000 eram cavaleiros, e o seu circuito murário tinha 50 estádios de extensão (aprox. 10 km).

⁹ Cf. STAZIO 1983, p. 118, parece que sejam todos centros indígenas helenizados, de qualquer modo, um “império” que se estendia por aprox. 3.000 km², desde a costa do Mar Jônico até a do Tirreno. Mas sabemos que as colônias de *Sybaris* eram *Laus*, *Skidrus* (cuja localização é ainda incerta) e talvez, com um reforço de colonos, *Poseidonia* (RUTTER 1997, p. 6).

¹⁰ Sobre a discussão, v. também RUTTER 1997, p. 24-27. De qualquer forma, segundo GUZZO (1976, p. 38), *Croton-Te(mesa)*, *Sirinos-Pyxous* e *Sybaris-Laus* eram seguramente casas da moeda “de aliança”.

¹¹ Por exemplo HNI 1722-7, aprox. 540-510 a.C., *stateres*: A/ Touro retrospectivo e SIPIN; R/ Mesmo tipo incuso e PYX. Com tipos e peso sibiritas, a primeira legenda seria identificada com um centro denominado *Siris* (certo não a *Siris* destruída na primeira metade do VI séc. a.C.), enquanto a segunda com *Pyxoes*, a romana *Buxentum* (atual Policastro), mas esta não foi fundada antes de 471/470 a.C. Alguns acham que poderia tratar-se do nome de duas comunidades distintas em aliança, ou de uma *Pyxous* “Sirina”, isto é, uma cidade fundada por refugiados de *Siris* depois da sua destruição, ou que *Sirinos* poderia referir-se verdadeiramente a um sítio denominado Sirino, ainda desconhecido (RUTTER 1997, p. 25).

¹² HNI 2270-2, aprox. 510-500 a.C.: A/ Touro antropomorfo retrospectivo e LA6I; R/ mesmo tipo incuso e NOS. Aqui o touro retrospectivo aparece androproso para personificar o rio *Laus*. Mas é discutível se a casa da moeda teria iniciado as suas emissões depois da queda de *Sybaris*, para depois dar continuidade na técnica a duplo relevo (STAZIO 1983, p. 118), ou se já cunhasse como aliada ou subcolônia de *Sybaris*, dado que utiliza, desde o início das suas cunhagens, a técnica incusa e era uma sua colônia porque, de qualquer modo, estas emissões são executadas por *Laus* no seu próprio nome.

¹³ HNI 1356, aprox. 530 a.C., *stater*: A/ Touro retrospectivo e AMI; R/ Mesmo tipo incuso. STAZIO (1983, p. 118) admite também uma leitura ASI-, mas RUTTER (1997, p. 24) prefere mais um *My* do que um *San*. Estes seriam uma população de origem tessálica e que, segundo a tradição, teriam levado à Península Itálica um tipo de vinho ao qual teriam dado o nome. O centro é identificado com a moderna Francavilla Marittima (STAZIO 1983, p. 118; RUTTER 1997, p. 24). No entanto, GUZZO (1976, p. 39) deixa a questão em suspenso.

¹⁴ HNI 1728, final do séc. VI a.C., *drachma*, mas calcídico: A/ Touro retrospectivo e SO; R/ Mesmo tipo incuso. Este povo, os *Sontini*, é citado por Plin., *NH* III, 15.97 (*Sontia*, atual Sanza, no vale do rio Diano). Como o *standard* eubóico as avizinha a Reggio e a Zancle, numismaticamente SO poderia ser localizada no sul da Calábria (Rogliano, a sul de Cosenza, cf. também RUTTER 1997, p. 26).

¹⁵ Por exemplo HNI 2273-74, aprox. 500 a.C., *stater*: A/ Trípode, polvo e VM; R/ Touro retrospectivo e LA6. Importantíssima para os nossos conhecimentos históricos é esta cunhagem, onde o tipo de *Croton* (trípode) vem acompanhado do étnico de *Sybaris* (SU retrógrado) no A/, enquanto o tipo sibirítico (touro retrospectivo) é associado ao étnico de *Laus* (Laóinwn) no R/. Segundo STAZIO (1983, p. 127), esta moeda teria sido produzida por *Sybaris* sob o domínio de *Croton*, mas com o controle de *Laus* ou dos exilados sibiritas refugiados nesta cidade, ou (STAZIO 1993, p.

611) um rígido controle de *Croton* sobre *Sybaris* e sobre *Laus*, que denuncia a própria pertinência ao âmbito sibarítico. RUTTER 1997, p. 36, concorda substancialmente com a primeira hipótese.

¹⁶ HNI 1105, data incerta, mas incusa, *stater*: A/ Javali e PAL; R/ Mesmo tipo incuso e MOL. HNI 1106, data incerta, mas incusa, *drachma*: A/ Javali e PAL; R/ Mesmo tipo incuso. PAL seria identificada com o Cabo Palinuro na costa tirrênica perto de *Velia* (nome do homônimo comandante da nave de *Aeneas*), e MOL(PA), atualmente, o nome de uma colina nas suas vizinhanças.

¹⁷ Por exemplo HNI 1717, primeiro quartel do VI séc. a.C., *stater*: A/ *Dionysos* e MEP; R/ Videira e cacho de uva. HNI 1721, mesma datação, hemióbolo: A/ Cabeça de *Dionysos*; R/ MEPD. Utilizam também o *San* pelo *Sigma*, como os habitantes sibaritas. Os tipos se assemelham muito aos de *Naxos* (Sicília) e de *Poseidonia* (Lucânia).

¹⁸ Pensou-se também à *Sardínia* ou em *Sergention* (Sicília), mas depois do descobrimento de um *stater* SERD em um tesouro na Calábria, composto exclusivamente de moedas da Itália Meridional (IGCH 1887), os estudiosos pensam mais na costa tirrênica, no *Bruttium* (HNI p. 142) ou na Lucânia (RUTTER 1997, p. 27). Interessantes observações sobre os *Serdaioi* faz também DOMÍNGUEZ MONEDERO 2001, p. 114-115. GUZZO (1993, p. 65) e os coloca na *mesogaia*, talvez no interior de *Laus*.

¹⁹ HNI 1107-1108, aprox. 530-500 a.C., *stater* e *drachma*: A/ *Poseidon*, POS e óIIS; R/ Mesmo tipo incuso. No entanto, os estudiosos não estão completamente convencidos, por isso a questão permanece ainda “sem solução”, cf. STAZIO 1983, p. 123 e HNI p. 109.

²⁰ STAZIO 1983, p. 119: em parte poderiam ser “cunhagens empreendidas por parte de cidades periféricas na tentativa de conseguir, através da imitação de uma moeda de vasta notoriedade e de largo prestígio, alguma vantagem derivada do vazio determinado pelo desaparecimento da cidade hegemone”.

²¹ HNI 2098, 500-480 a.C., *stater*: A/ Trípode e ðRO; R/ Touro retrospectivo e MY. O diâmetro já é reduzido e, segundo Rutter, a relação não é de “aliança”, mas realmente de dependência. Segundo GUZZO (1976, p. 31), o território Jônico de *Sybaris* era administrado pelos crotonienses.

²² HNI 2097, aprox. 500-480 a.C., *stater*: A/ Trípode e ðRO; R/ Touro retrospectivo incuso e PANDO. Este centro era localizado ao longo do rio *Crathis*. Assim pensa também STAZIO 1993, p. 611.

²³ Por exemplo HNI 1746, 453-448 a.C, trióbolo: A/ *Poseidon* e MV; R/ Touro e POS retrógrada, entre outras; para isso, vd. RUTTER 1997, p. 42-43.

²⁴ HNI 1114, 470-445 a.C., *stater*: A/ *Poseidon* e POS; R/ Touro e POS. Assim também pensa STAZIO (1983, p. 127), o qual faz a hipótese de que esta lembrança

de *Sybaris* tivesse a intenção de reivindicar a herança, com o instrumento monetário da área econômica uma vez controlada por esta última. Cf. GUZZO (1976, p. 43): uma tentativa de *Poseidonia* de substituir-se a *Sybaris* pareceria fortemente obstaculada por *Croton*.

²⁵ Por exemplo, HNI 2284, aprox. 453, dióbolo: A/ Touro e LAÓINO; R/ Duas *paterae* e MVBA. Também independentemente de *Sybaris*, *Laus* continuará a cunhar, fortemente inspirada por sua iconografia, como demonstram os seus *stateres* e as suas frações em duplo relevo, sempre no A/ trazendo o touro retrospectivo e antropomorfo (HNI 2275-2281, aprox. 480-460 a.C.).

²⁶ Segundo GUZZO (1976, p. 31), várias foram as tentativas dos descendentes dos sibaritas para reconquistar o próprio papel e a antiga sede (em 476, em 453, em 448 e até 443 a.C.), sem que as fontes reportem quais foram os seus aliados.

²⁷ O relatório sobre as fontes literárias que reportam ao período em exame se encontra em GUZZO (1976, p. 27-32), o qual apresenta ainda um esquema resumido entre fontes históricas e fontes numismáticas. Para um exaustivo balanço arqueológico do território, desde a época do Bronze até o período romano, se remete a GUZZO 1993, p. 51-82.

²⁸ Não é possível deduzir das fontes se a expedição ateniense foi para reforçar algo que já existia, ou se, ao contrário, somente com a sua chegada, iniciou-se a edificação de um novo centro (GUZZO 1976, p. 30). Sobre todos estes acontecimentos, vd. também GRECO 1981, p. 118; e ainda GUZZO 1982, p. 109-110.

²⁹ HNI 1754-56, *stater*-trióbolo-trióbolo, aprox. 440 a.C.: A/ Touro ou *Poseidon* ou Cavaleiro; R/ Touro e VM.

³⁰ HNI 1750-1751, 446 – aprox. 440 a.C., *drachma* e trióbolo; RUTTER 1997, p. 43-44, e fig. 19, *drachma* (446-444 a.C.).

³¹ HNI 1753, 446 – aprox. 440 a.C., *drachma*; cf. também STAZIO 1983, p. 137; RUTTER 1997, p. 44, e fig. 20, *stater* (aprox. 440 a.C.).

³² Sobre este ponto, RUTTER 1997, p. 44, pensa que uma motivação mais profunda, a de caráter religioso, tenha sido a razão original para a adoção e para a persistência do tipo por tanto tempo. Quero aqui recordar que praticamente o mesmo fenômeno aconteceu em *Velia*, onde o tipo principal de A/ em época tardo-arcaica era a representação de um animal (o leão), que, depois, tornar-se-á secundário em época clássica e passará ao R/, dando lugar no A/ à efigie da divindade cultuada na cidade (*Athena*). Esse hábito iniciou-se justamente nas cidades de Atenas e Corinto (cf. CANTILENA 2006, p. 428, seguida por MAGALHÃES 2008-A). Da mesma maneira, aqui, no nosso caso, o animal (o touro sibarita), uma vez figurado no A/ como o sinete principal da cidade, passa à posição de R/, dando lugar a uma divindade efigiada, também esta “tutelar” da cidade (*Athena*).

³³ DOMÍNGUEZ MONEDERO 2001, p. 119-120, que cita GUZZO 1993, p. 64-65, e com ampla bibliografia sobre o santuário de Timpone della Motta, em Francavilla Marittima.

³⁴ Cf. HNI, p. 146 e 156: as datações variam entre os estudiosos, 285-282 ou 212 a.C. Desde 285 a.C., os turinos tinham renunciado à proteção de *Tarentum* e tinham obtido a de Roma, contra as contínuas ameaças dos Lucanos e dos *Brettii*; assim, em 282, receberam ajuda de um exército romano sob o comando de Caio Fabrício Luscinio; teriam também sofrido severamente as depredações na época da Segunda Guerra Púnica, até a instituição da colônia latina de *Copiae*, em 193 a.C.

³⁵ Sobre a fundação de *Thurium*, a sua implantação ortogonal projetada por Hipodamos de Mileto e o seu desenvolvimento urbanístico, vd. GUZZO 1982, p. 110 e GUZZO 1993, p. 66-70; sobre os ilustres personagens da cultura que se agregaram na cidade, vd. GRECO 1981, p. 118.

³⁶ Cf. HNI, p. 147-155, *passim*, é evidente, como também nas nossas moedas, a diferença entre os dois tipos, isto é “*Bull charging*” e “*Bull walking*”.

³⁷ Por exemplo, o estudo dos didracmas de *Velia* do Museu Histórico Nacional demonstrou uma relação relevante, também cronológica, entre o tipo e a decoração do elmo da deusa *Athena* do A/, combinado com os símbolos e letras ou monogramas do R/ (vd. e.g. MAGALHÃES 2008-A, *Tavola dei didrammi*). No que diz respeito à decoração do elmo, os nossos resultados bem se combinam com o que concluiu GUZZO 1977, p. 43, ou seja, o tipo mais antigo é coroado de oliveira e o mais recente ornamentado com *Scylla* em várias posições.

³⁸ Estas conclusões são, na sua maior parte, afins às de RUTTER (1997, p. 45). O estudioso afirma que o A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático desenvolveu-se junto ao R/ Touro. As primeiras *Athenai* tem o elmo decorado com a coroa de oliveira e, depois, com *Scylla*; os primeiros touros aparecem caminhando e, depois, tendem a ser figurados cornúpetas.

³⁹ Por exemplo, inicialmente, pensou-se que algumas assinaturas sobre as moedas pertencessem somente a magistrados. Mas sobre um *stater* (aprox. 400 - aprox. 350 a.C.) que apresentava a assinatura MOLOS, aparecia também a forma verbal EPOE, conseqüentemente interpretada como “Molosso fez”, o que não deixa dúvidas de que se trata, na verdade, do artesão-incisor (HNI 1784 e RUTTER 1997, p. 81).

⁴⁰ Cf. HNI p. 147, n. 1762, aprox. 443-400 a.C.; STAZIO 1983, p. 138, último quartel do V séc. a.C.

⁴¹ Segundo STAZIO 1983, p. 138, dada também a identidade entre o *stater* aqueu-coríntio e o ático. Entretanto, observe-se que, neste caso, o tetradracma ateniense equivale a um hexadracma turino.

⁴² Estes primeiros *stateres* com *Athena* coroada de oliveira são divididos em dois

grupos, o primeiro composto por emissões que trazem letras únicas, provavelmente em sequência alfabética, e um outro sem letras (RUTTER 1997, p. 45), ao qual pertencem os nossos exemplares.

⁴³ CANTILENA 2006, p. 441; MAGALHÃES 2008, *passim*. Uma tradição de estudos atribui à influência de *Thurium* a difusão do esquema da cabeça de *Athena* com elmo ático, cf. KRAAY 1976, p. 188 e LIBERO MANGIERI 1986, p. 36-37, com ampla bibliografia em favor do reflexo da amoedação turina.

⁴⁴ CANTILENA 2006, p. 428, 434 e 436, seguida de MAGALHÃES 2008.

⁴⁵ No início do IV séc. a.C., *Thurium*, praticamente, deu continuidade à tradição estabelecida no V, onde é registrada no A/ a decoração do elmo de *Athena* também com *Scylla*. Os *stateres* são também divididos em dois grupos principais, um com nomes, iniciais e símbolos, outro sem nada disso (RUTTER 1997, p. 81 e HNI p. 148).

⁴⁶ STAZIO 1983, p. 144; RUTTER 1997, p. 65-66. Existem várias explicações para esta inovação (o emprego do bronze), entre elas, o pagamento de vários serviços, em particular, no âmbito militar, ou para pequenas transações cotidianas de compra-venda. Talvez também no ambiente indígena o bronze, trabalhado em níveis refinados, tivesse se tornado um meio de acúmulo de riqueza e, assim, um instrumento eficaz e difundido de escambos. O importante é o fenômeno em si, no qual as moedas em bronze eram aceitas e trocadas, não em virtude do seu valor intrínseco (como acontece com o ouro, a prata e o *electrum*), mas do seu valor fiduciário, conceito que nasce e se desenvolve entre os Gregos do Ocidente.

⁴⁷ HNI 1903, AE, aprox. 440-435: A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático coroado de oliveira; R/ Touro retrospectivo; no exergo, peixe; acima, QOU.

⁴⁸ Cf. RUTTER 1997, p. 66, entre os fundadores de *Thurium* estava *Dionysius*, também denominado *Chalkous*, poeta e orador, ao qual a tradição atribui ter aconselhado os atenienses a utilizar o bronze (*Athenaeus*, 15.669D). E talvez o expediente tenha sido utilizado justamente em *Thurium*.

⁴⁹ Na bibliografia das fichas correspondentes às figuras, as *Sylogai Nummorum Graecorum* (SNG) são apresentadas em ordem alfabética, e não em ordem cronológica das edições.